

Bem-vindos ao Ceciliavense





A Dama DO
MEU Destino

AMORES DE RICHMOND

CECÍLIA HARTWELL

Kindle

Prólogo

New Burlington Place, Londres, 28 de junho, final da temporada social de 1845.

Londres sufocava em sua própria elegância: o ar abafado e raro fazia as moças abanarem seus leques com rapidez. Era o fim da temporada, e a primavera se despedia aos poucos, dourando telhados e vestidos com o tom melancólico de tudo o que está por acabar.

Em contrapartida, como se já fosse verão, Lottie caminhava em destino a Savile Row com o coração quente e passos decididos. As luvas em tom creme apertadas entre os dedos e a mente vagando, como sempre.

Vagando mais do que ela própria queria admitir.

Bernadete, fiel e contrariada, a seguia com o chapéu torto e uma expressão de quem se sente sequestrada por uma jovem obstinada demais para o seu tamanho.

— Lady Charlotte, por que é que não viemos de carruagem mesmo? — Acima de tudo, era audaciosa.

— Porque o dia está lindo, porque tenho duas pernas que estão cansadas de ficar paradas, porque li em algum lugar que se exercitar é bom. — Ela olhou para a criada com um atrevimento no olhar. — Algo mais, Bernadete?

— Lady Charlotte, a modista... — começou a criada, olhando o relógio miúdo, preso por uma corrente delicada ao bolso de seu vestido, com uma angústia sincera. —

Vamos nos atrasar.

— Ainda temos quinze minutos e a Savile Row já é a próxima. — Ela olhou para o relógio à porta de um estabelecimento. — Além do mais, Madame Lenoir sempre se atrasa comigo... não faz mal que me espere um pouco apenas hoje.

Foi então que ela o viu.

Benjamin.

E por um instante — apenas um rápido e fugaz instante — o mundo pareceu se inclinar para o lado dele. Saindo de uma carruagem discreta, o chapéu abaixado até sombrear os olhos, entrando por uma porta pintada de verde. Ninguém o acompanhava. Ninguém o vira. Ninguém... exceto ela. E ele... ele carregava um embrulho bonito — bem-feito, amarrado com fita vermelha, daquelas que jamais embrulhariam algo banal.



Seu coração, traidor, deu um salto. Os pés se recusaram a dar o próximo passo, como se estivessem cimentados ali. Os lábios dele vieram-lhe à memória, junto ao som grave da voz sussurrando ironias, o toque das mãos nas costas do vestido enquanto dançavam, o calor dos braços que a seguraram no Hyde Park quando ela quase tropeçou... E, por fim, aquele cheiro. O cheiro de menta que ele cismava em mascar vez ou outra, quando a encontrava fresca ao passar pela cozinha.

Charlotte piscou, tentando afastar a miragem. Mas não era miragem. Tampouco coincidência. Era Benjamin, e ele estava entrando pela porta pintada de verde com o andar seguro dos que conhecem o caminho a percorrer.

Ela sentiu como se estivesse vendo algo que não deveria. Como se tivesse aberto, por engano, a última página de um livro que ainda não terminara. Como se tivesse descoberto o final de uma história que ela nem sequer sabia como havia florescido.

— Quem mora ali? — perguntou ela, parada no meio da calçada.

Bernadete arregalou os olhos.

— Ora, Lady Char...

— Quem? — Mais enérgica dessa vez.

A criada olhou a casa, mordeu o lábio.

— Não me lembro. Estou tentando, mas... nada me vem à memória.

Charlotte olhou de novo a porta. Uma casa sem placas, sem criados na entrada, com flores frescas nas jardineiras. Janelas abertas, mas cortinas fechadas. Misteriosa o bastante para acender dentro dela o que nem mesmo havia sentido ao caminhar pela calçada do Clube Marlowe por engano, certa vez. Curiosidade. Uma curiosidade que lhe nascia nas entranhas e fazia as mãos formigarem.

Mas a inquietação não vinha da fachada, vinha de dentro dela. Como se a porta verde abrisse também uma fresta na própria coragem, nas próprias certezas.

Tocou a aba do chapéu e olhou ao redor. Seus olhos alcançaram uma casa de chá de onde ela poderia ver quem entrasse ou saísse por aquela maldita porta verde.

— Vamos comer um bolinho — ela afirmou e apontou a entrada da casa de chá.

— Por todos os santos, senhorita, Madame Lenoir...

— Mudei de planos. Escreverei um bilhete aqui mesmo, deixe apenas que o garçom me apareça aqui com papel e tinteiro. Escreverei como se estivesse presa em um compromisso.

— E está?



— É claro que estou. — Ela arregalou os olhos para a criada. — Não viu que Benjamin entrou ali?

— Eu vi, mas eu não...

— Esqueça, Bernadete. — A criada não entenderia mesmo. — Vamos apenas comer um bolinho e tomar chá.

Ainda com os olhos fixos na porta, Lottie se lembrou: os lábios de Benjamin entreabertos, úmidos. O gosto da língua dele, que invadia sua boca como se dominasse aquele território. Ensinando-a. Mostrando a ela o que um simples beijo podia fazer com o corpo de uma mulher.

A lembrança não era romântica. Era física. Quase cruel. Como se o próprio corpo zombasse dela por se lembrar.

Aquilo nunca, jamais deveria ter acontecido. E agora parecia que jamais seria esquecido.

Sentaram-se junto à janela da casa de chá, com vista direta para a casa de porta verde. Charlotte pediu chá de bergamota e bolinhos amanteigados. O primeiro foi comido com a ansiedade de quem espera uma confissão. O segundo, com a inquietação de quem não quer ouvir o que imagina. O terceiro, com o desespero doce de quem se dá conta de que talvez tenha sido deixada para trás.

— Milady... já faz mais de uma hora. — Bernadete olhava para o relógio como quem consulta um oráculo.

— Não faz mal.

— Faz sim. Isso... não é próprio. Esperar por um cavalheiro...

— Benjamin não é qualquer cavalheiro — disse Charlotte, mas as palavras soaram frágeis demais, então achou por bem completar: — ele é meu... amigo.

— É por isso que está comendo o terceiro bolinho como quem mastiga o coração? Charlotte riu, um riso breve, aflito, sincero. Mas os olhos permaneciam fixos na casa de porta verde, como se de lá fosse sair o veredicto de uma temporada inteira.

Benjamin estava lá dentro.

O garçom se aproximou com a elegância discreta de quem sabe transitar entre damas de chapéus enfeitados e criadas em propriedades imensas.

— Posso lhe oferecer mais alguma coisa, Milady?

Charlotte ergueu o olhar, os olhos ainda cravados na porta verde, mas a voz saindo com toda a polidez que lhe restava.



— Sim. Três coisas, se não for incômodo.

— Pois não.

— Uma água com açúcar para a minha criada, que não sabe esperar... — disse, lançando a Bernadete um olhar mordaz, de olhos estreitos. — Um papel e uma caneta-tinteiro... E uma informação.

O garçom, habituado aos caprichos dos nobres, inclinou-se com gentileza.

— Qual seria?

— Quem mora naquela casa? — Apontou com o queixo, como se o gesto pudesse ser confundido com descuido. Mas cada músculo do pescoço estava atento.

— Ah... a senhora se refere à casa da porta verde? — disse ele, com um pequeno sorriso, como quem compartilha um segredo. — Madame Isabela. Uma viúva jovem... encantadora.

Lottie franziu o cenho. Primeiro, o nome. Depois, o adjetivo. Havia algo no modo como ele dissera “encantadora” que a fez apertar os dedos no guardanapo. Sentiu uma estranha pontada no peito, como se tivesse levado um empurrão súbito — só que de dentro para fora.

— Encantadora — repetiu, mais para si. E o gosto do terceiro bolinho perdeu toda a doçura.

Com gestos ágeis, mas dignos, pegou o papel e a caneta-tinteiro, escreveu um bilhete à Madame Lenoir com um pedido de desculpas e uma promessa de remarcar para a manhã seguinte. Dobrou o papel com força.

— Há um menino de recados ali fora. Entregue a ele — disse ao garçom. Depois, voltou-se para Bernadete. — Acomode-se. Ficaremos aqui por mais um tempo.

— Mas, Milady...

— Fique. Voltaremos de carruagem, prometo. — E seu tom não era zangado, mas de quem já estava ocupada demais tentando enxergar através das paredes da casa de porta verde.

Bernadete afundou na cadeira ao lado, cruzando os braços com resignação dramática.

Foi quando a porta verde se abriu.

Charlotte se endireitou como se levasse um puxão invisível na coluna. E, então, viu Benjamin.



Ele surgiu tranquilo, o passo desprezioso de quem não carrega o peso do mundo — ao menos não o dela. Ao seu lado, uma mulher de beleza discreta, mas expressão viva. Talvez quarenta, talvez menos: olhos vivos, mãos leves... E foi com essas mãos que ela tocou o colarinho de Benjamin, como quem ajeita o detalhe de algo que já conhece de cor. Um gesto pequeno, íntimo, fatal.

Um riso leve, descontraído. Os dois sorriram, e os sorrisos diziam mais do que Charlotte queria entender.

Ela não conseguia desviar o olhar. Havia algo no modo como a mulher esticava o tecido com naturalidade, como se aquele toque já tivesse sido repetido inúmeras vezes — de manhãs preguiçosas a tardes secretas. Era o tipo de familiaridade que se conquista na ausência dos outros.

E foi nesse instante que o gosto do beijo lhe voltou à boca.

A língua de Benjamin, paciente e firme, explorando a dela com uma delicadeza perigosa. O arrepio que lhe percorreu a espinha. As mãos dele em suas costas, guiando-a, ensinando-a. E agora... agora eram outros dedos ali. Outro riso. Outra intimidade.

Pareciam amantes. Daqueles que se despedem ao meio-dia — depois de já dividirem o café, os lençóis e os segredos.

— Exatamente como nos livros — ela bufou, contrariada, como quem vira o final do romance antes da última página.

Levantou a xícara com gesto mecânico, mas ela estava vazia. Como ela. Levantou-se devagar, sem drama. O tipo de dignidade que vem quando o orgulho grita mais alto que o coração. E se tinha uma coisa que a movia desde que havia debutado, era o orgulho.

— Vamos para Weston House — disse para Bernadete. E não precisou dizer mais nada. — Tenho um baile para ir... e um marquês para conquistar.



Alguns minutos depois, Charlotte entrou em Weston House como um vendaval disfarçado de debutante. Mal notou os criados, subiu dois degraus, tropeçando não apenas na barra do vestido, mas na própria ansiedade.

Edward, sentado na saleta, fechou um livro ao perceber a irmã.

— Aonde foi? — perguntou com sua calma natural, mas os olhos atentos. — Está tudo bem?

Charlotte parou. Olhou para o relógio de carrilhão no centro da parede — como se ele pudesse dizer algo que seu coração ainda não soubesse. Depois, voltou-se a Edward com um meio sorriso.

O tique-taque era implacável.

Ela desejou, por um instante, que o tempo parasse ali. Antes da porta verde. Antes de Benjamin. Antes de tudo.

— Estou atrasada para o baile.

Ele franziu o cenho e disse:

— O quê? Ainda faltam horas.

Charlotte não respondeu.

Como responder quando nem ela sabia o que estava realmente sentindo?

Era dor, mas uma dor orgulhosa, que se disfarçava de pressa. Era ciúme, mas ela não tinha o direito.

Era perda, mas o que, afinal, havia sido dela?

— O que deu nela, Dete? — O conde questionou.

A criada deu de ombros. Podia ser teimosa como uma mula e lenta como um domingo chuvoso, mas era leal à Lady Charlotte. E, naquele momento, parecia entender que certas dores exigem silêncio.

— Prepare a banheira — disse Charlotte, já no andar de cima. — E pare de olhar para esse relógio, Bernadete. Ou vou me arrepender de tê-lo dado a você no último Natal.

A criada murmurou algo sobre só querer ser sempre pontual, mas já se dirigia aos aposentos da jovem.

No banho, Charlotte afundou até onde a água quente começava a arder levemente na pele — como se punisse cada lembrança. Fechou os olhos. Queria sumir. Evaporar junto com o vapor que embaçava os espelhos, os sentidos, as certezas.



Ali, sob a superfície, tudo parecia suspenso: o som, o tempo, o orgulho ferido. A água a envolvia como um manto denso, capaz de apagar não só o toque de Isabela no colarinho de Benjamin, mas também o beijo entre a própria Charlotte e ele, escondidos na sala de música, o arrepio involuntário, a lembrança do gosto de menta.

Ela mergulhou mais uma vez e, quando emergiu, com os cabelos colados à testa e o rosto ruborizado pelo calor, sentiu que algo havia ficado lá embaixo. Não o amor — esse ainda estava entranhado demais —, mas a ingenuidade. Aquela expectativa tola de escolher alguém sem precisar lutar, como se fosse natural, como se estivesse escrito.

Ela mergulhou mais uma vez, como quem tentava afogar o próprio nome que ecoava por dentro.

E foi entre bolhas e murmúrios que Charlotte tomou sua decisão: aceitaria a corte do marquês. Entraria na reta final da temporada como se só agora entrasse em cena.

Maquiada, penteada e blindada.

A cada brinde, um passo adiante.

A cada valsa, um adeus disfarçado.

E deixaria Benjamin Hargrove exatamente onde ele escolhera estar: no papel de amigo.

Já vestida, os cabelos ainda úmidos e o olhar turvo, Charlotte se sentou no divã junto à janela. Lorde Finn pulou em seu colo com a leveza de um minilorde. — E você? — perguntou a ele, com um suspiro cansado. — Eu o tenho deixado muito sozinho, não é mesmo?

O cão apenas a encarou, a língua de fora, como se concordasse com ela — e a amasse ainda assim.





Kindle

Extras




Roubamos algumas páginas
do diário secreto de
Charlotte e só você - sim, só
você - terá acesso às
confissões proibidas dela.
Prepare-se para ler o que
uma dama jamais admitiria
em voz alta.




Ele me irrita, me
provoca... e, ainda
assim, é nele que
penso antes de dormir.

C. C. Seymour



Ele é um caos que
me consome, e eu não
sei se quero ser
salva.

C. C. Seymour



Uma lady não
deveria desejar ser
dominada. Mas eu
desejo.

C. C. Seymour

As vezes, penso que o destino se diverte comigo - colocando exatamente o homem errado no meu caminho.

C. C. Seymour



Eu não deveria sonhar com o beijo dele... e, ainda assim, acordo molhada com sua lembrança.

C. C. Seymour

Mas se você acha que todo
segredo está escrito em
diários... cuidado!!
Alguns têm patinhas, orelhas
grandes e olhos atentos.
Lorde Finn viu mais do que
deveria — e resolveu confessar
sua travessura.



Vocês acharam mesmo que foi acaso? Eu, correndo feito um enlouquecido atrás de Lady Chérie e Duquesa Miúda?

Tolice. Aquilo foi um plano. Um complô cuidadosamente costurado entre patas e garras. Não foi fácil convencê-las, acreditem. Duquesa Miúda exigiu solenidade: só aceitaria se eu jurasse nunca mais perseguir seu rabo cinzento em troca de seu talento dramático. Lady Chérie, mais vaidosa, exigiu que eu reconhecesse publicamente que seus saltos felpudos eram dignos de qualquer bailarina da corte.

E eu aceitei, é claro. Fiz um juramento canino: não correria atrás delas de verdade, nunca mais. Um pacto de honra.

Tudo em nome de uma missão maior: testar aquele tal de Benjamin Hargrove. Eu já tinha visto o jeito atrevido como ele olhava para a minha humana. •• E ninguém chega perto de Lady Charlotte sem a minha aprovação.

Se ele saiu mordido, arranhado e afundado na lama... bem, digamos que foi apenas a primeira prova.

Uma iniciação.

Um recado claro: desde o início, eu, Lorde Finn, estava de olho nele.





A *Dama* DOS
MEUS *Sonhos*

AMORES DE RICHMOND



CECÍLIA HARTWELL

Extras

Um presente proibido só para você...

Sabemos que seu coração já está acelerado pela chegada da história de Charlotte e Benjamin em

A Dama do Meu Destino.

Mas... enquanto espera por esse casal que é puro fogo e provocação, que tal espiar o que anda acontecendo atrás das portas fechadas do quarto ducal em Rutherford Hall? Sylvia e Adrian não perderam a intensidade depois do final de

A Dama dos Meus Sonhos.

muito pelo contrário. Entre olhares ardentes e noites roubadas, o duque continua provando que um libertino reformado nunca perde o talento de incendiar lençóis.

Se você já leu

A Dama dos Meus Sonhos.

prepare-se para reencontrar esse casal de tirar o fôlego. E se ainda não conhece... talvez seja a hora perfeita para se apaixonar por eles enquanto espera ansiosa por

A Dama do Meu Destino.

Mas atenção: esta cena é um extra secreto, proibidamente sensual e não recomendado para corações inocentes. Leia por sua conta e risco... e depois não diga que não avisei.

Com carinho,

Cecilia Hartwell

Rutherford Hall, Richmond, janeiro de 1845.

O corredor estava silencioso quando Sylvia fechou a porta do quarto das crianças. Richard dormia tranquilo, a febre finalmente cedia. Ela suspirou, aliviada, e ajeitou o xale sobre os ombros.

Mas, ao empurrar a porta de seus aposentos, encontrou o duque de Rutherford encostado na moldura da cama, já sem o casaco e o colete, as mangas arregaçadas, o olhar escuro brilhando à luz das velas.

— E então, Milady — disse ele, num tom rouco, quase preguiçoso —... o herdeiro está seguro. O que significa que, finalmente, você é toda minha.

Ela arqueou as sobrancelhas, mas não conseguiu disfarçar o arrepio que a percorreu.

— Eu só fui verificar...

— Já verificou — interrompeu, aproximando-se com passos lentos. — Agora quem vai ser verificada é você.

Antes que Sylvia pudesse responder, Adrian a tomou pela cintura e a puxou para junto de si, a boca esmagando a dela num beijo exigente, voraz, que roubou todo o ar de seus pulmões.

O xale caiu no chão. Ele deslizou as mãos pelo vestido dela, subindo a saia com brutalidade deliciosa, até encontrar a pele nua das coxas.

— Está gelada, amor. — A voz dele soou como um rosnado contra sua boca. — Precisa que eu aqueça cada pedaço seu.

Sylvia arfou quando os dedos dele encontraram o calor escondido entre suas pernas. O toque foi firme, lento, explorando até arrancar dela um gemido contido.

— Adrian... as crianças...

— Dormem. — Ele a ergueu nos braços, levando-a até a cama como se fosse leve demais para ser real. — Mas você não vai dormir tão cedo.

Deitou-a sobre os lençóis, desfazendo-se das próprias calças com movimentos ágeis. O peito largo e marcado pelo desejo se inclinou sobre ela, e Sylvia estendeu as mãos para tocá-lo, mas ele as prendeu acima da cabeça.

— Não, duquesa. — Ele sorriu, feroz. — Hoje você vai só sentir.

O corpo dele desceu, a boca explorando sua garganta, depois os seios, mordendo um mamilo até que ela gemesse, sem pudor, pedindo mais.

Ele alternava entre a crueldade e a devoção: sugava, mordida, depois lambia como se cada centímetro fosse sagrado.

— Você é minha perdição — murmurou, antes de descer ainda mais, afastando com as mãos decididas o tecido que atrapalhava seu caminho.

Quando a língua dele a tocou, Sylvia mordeu o lábio para não gritar. Mas Adrian ergueu os olhos, faminto.

— Grite. Quero que este maldito condado saiba que você é minha.

Ela gemeu alto quando ele a penetrou com a língua, explorando-a como um homem que conhece todos os segredos da luxúria. As mãos dela se prenderam aos lençóis, e o corpo tremia sob a fúria daquele prazer.

— Adrian... eu vou... —

Ele se afastou no instante exato, cruel, deixando-a à beira do abismo. Subiu sobre ela, posicionando-se entre suas pernas abertas. O membro rígido roçou contra sua entrada úmida, e ele sorriu, sádico e apaixonado.

— Vai gozar, sim. Mas comigo dentro de você.

E a penetrou num só movimento fundo, arrancando dela um grito que ecoou contra as paredes. Ele se moveu com estocadas firmes, rápidas, cada investida arrancando dela mais do que prazer — era rendição, era fogo.

— Diga meu nome — ele exigiu, os dentes cravando no ombro dela.

— Adrian! — Sylvia quase chorou de prazer, as pernas se fechando ao redor dele, puxando-o ainda mais fundo.

O ritmo ficou selvagem, possessivo. O som dos corpos unidos enchia o quarto, misturado aos gemidos dela e aos grunhidos dele. Até que ela se arqueou, dominada pelo prazer, gritando o nome dele como se fosse o único no mundo.

Adrian se derramou dentro dela logo depois, com um rosnado de vitória, esmagando os lábios contra os dela em um beijo desesperado.

Por um longo instante, ficaram imóveis, respirando juntos, o calor ainda pulsando entre seus corpos colados.

Ele deslizou os dedos pela face dela e sorriu, malicioso.

— Vá até o quarto das crianças quantas vezes quiser, amor... Mas nunca se esqueça: quando voltar... vai ser recebida assim.



SAVE THE DATE

Pré-venda com valor especial:

início 17/10/2025

Lançamento: 27/10/2025